

## A RELAÇÃO COM A LÍNGUA: IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

QUÊNIA CÔRTEZ DOS SANTOS SALES – UFU/ESEBA

### Introdução

Este texto tem como objetivo discutir a questão da relação do sujeito com a língua, ponto que problematizamos em uma pesquisa<sup>1</sup> mais abrangente. Partimos do pressuposto de que o sujeito é efeito de linguagem, não tem controle sobre os efeitos de sentido de seu dizer; esse sujeito é o sujeito do desejo<sup>2</sup> que se constitui na e pela linguagem. Assim, consideramos que o dizer de professores de língua estrangeira pode apontar para discursos que marcam o funcionamento do imaginário sobre a língua, e que podem trazer implicações para o processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira.

Num primeiro momento, procedemos a uma breve apresentação teórica de algumas noções como língua, sujeito e discurso, e, em seguida, passamos à análise do dizer de professores de língua estrangeira, especificamente espanhol, sobre a aprendizagem dessa língua.

### Pressupostos teóricos

A noção de língua neste trabalho se relaciona à noção de sujeito que assumimos. Quanto à noção de sujeito, consideramos, como mencionamos acima, que o sujeito não é capaz de exercer controle sobre si e sobre os efeitos de sentido de seu dizer, sendo, portanto, aquele que se constitui:

(...) na ilusão de ser a origem do seu dizer, esse sujeito é constantemente flagrado pelo já-dito, pela memória discursiva que o precede, pela falta que o constitui, e adia ad infinitum o encontro com a verdade, a completude, a certeza que ele tanto deseja. Da mesma maneira, constitui-se na ilusão imaginária de que lhe é possível controlar os sentidos que produz, esquecendo-se de que seu dizer terá tantas interpretações quantos forem os intérpretes e as situações de interpretação. (CORACINI; BERTOLDO, 2003, p.13)

Ainda, a respeito da noção de sujeito, podemos citar o trabalho de Authier-Revuz (1998) que menciona duas concepções de sujeito: o sujeito-origem e o sujeito-efeito. Segundo esta autora o sujeito-origem refere-se ao sujeito da psicologia e das suas variantes “neurais” ou sociais. Nesta concepção, o sujeito é capaz de representar sua enunciação e o sentido produzido por ela, o que possibilita considerar que as formas de representação que os enunciadores dão de seu próprio dizer sejam um reflexo direto do real do processo enunciativo. Neste espaço, a homogeneidade é a marca do sujeito que está apto a controlar o que diz e os sentidos que produz, não há atos falhos, nem equívocos.

Quanto ao sujeito-efeito, este se refere ao sujeito do inconsciente, suposto pela psicanálise, ou o das teorias do discurso que postulam a determinação histórica em um sentido não-individual. Nesta perspectiva, temos um sujeito que não controla seu dizer, que não é transparente ao enunciador. O sujeito-efeito é produzido pela linguagem (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.16).

Ao tomarmos o sujeito como efeito, cumpre-nos considerar a opacidade da língua, em que a transparência apenas pode ser possível no imaginário; e que em sua suposta homogeneidade tem-se o atravessamento de equívocos. Esses equívocos remetem à exterioridade que é constitutiva da língua, há aí

---

<sup>1</sup> Trata-se de nossa dissertação de mestrado intitulada O ensino da língua espanhola no Brasil: Um olhar para aspectos da constituição identitária do professor de espanhol, defendida em outubro de 2007, no Programa de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, com a orientação do professor doutor Ernesto Sérgio Bertoldo.

<sup>2</sup> Sobre o desejo, Mrech afirma: Para Lacan, o desejo é altamente transformador e questionador. No início, o sujeito se constitui de uma forma alienada através da assunção do desejo do Outro. No entanto, aos poucos, o sujeito precisa se descolar deste processo (...) O desejo implica um compromisso para o sujeito com algo que o estrutura. O desejo não remete a posições confortáveis, fáceis de serem vividas, mas àquilo que leva o sujeito a se implicar na vida. Quando o sujeito se torna desejante entra em um processo de grande mobilidade libidinal. (MRECH, 1999, p. 129)

uma incidência do Real<sup>3</sup>, que é próprio da estrutura, indicando que não temos a possibilidade de dizer tudo, “tudo não se diz”. É partindo desta proposição que Milner (1987, p.19) postula que “a língua suporta o Real da alíngua”. Este termo, alíngua, aponta para o impossível de dizer, para a marcação do não-tudo que se constitui no real da língua. Para Milner (1987, p. 73), esse não-tudo “imprime suas marcas e introduz sua estranheza inquietante nas cadeias da regularidade [...]”.

No que se refere à noção de discurso, Orlandi (2002) postula que não se trata apenas da transmissão de informação, pois no funcionamento da linguagem tem-se um complexo processo de constituição de sujeitos e de produção de sentidos. A linguagem “serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados” (ORLANDI, 2002, p.21). Compartilhamos deste pensamento de Orlandi (2002) e pontuamos que as relações de linguagem também podem ser de não sentidos.

Assim, consideramos o discurso como efeito de sentidos entre os locutores, e a língua é a sua condição de possibilidade. Segundo Teixeira (2000), a estrutura material da língua:

“permite ‘escutar’ os ecos não intencionais que rompem a suposta homogeneidade do dizer. Ou seja: a língua tem as formas - mais explícitas ou menos explícitas - para sinalizar isso que fala antes em outro lugar, sem se dizer e que, no entanto, instaura efeitos de sentido”. (TEIXEIRA, 2000, p.184)

Ainda, em relação à noção de discurso, vale salientar que buscamos abordar o discurso como acontecimento que conforme Pêcheux (1983b) pode ser compreendido como “o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória”. Com esta noção de acontecimento, Pêcheux concebe o furo na estrutura, a língua tem estrutura e é nela que o equívoco aparece.

A noção de acontecimento nos permite acionar o aqui e o agora, há uma atualidade que comparece, aqui e agora, e essa mesma atualidade vem sob a forma de uma memória, de um já-dito. Para Teixeira (2000):

a noção de acontecimento permite falar da anterioridade que constitui o discurso não como um transcendental histórico, uma grade de leitura ou uma memória antecipadora que sobredetermina o dizer. No acontecimento entrecruzam-se atualidade (o dito aqui e agora) e memória (o já-dito antes e em outro lugar), sendo que uma descontinuidade pode sempre vir desfazer o trajeto aparentemente estabilizado da rede discursiva. (TEIXEIRA, 2000, p.200)

Nesta perspectiva, a noção de acontecimento, que não é visto como fato, e sim como interpretação, está aberta para a dimensão do devir; é na tensão entre estrutura e acontecimento que os efeitos de sentido processam-se, sentidos que, por serem históricos, sempre podem ser outros.

Segundo Pêcheux :

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. (PÊCHEUX, 1990, p.53)

Assim, consideramos na análise de dizeres de professores de língua estrangeira, especificamente espanhol, a possibilidade de problematizar alguns aspectos da constituição identitária desses professores, bem como discutir algumas implicações desses dizeres para o processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

---

<sup>3</sup> De modo sucinto, podemos compreender a noção de Real, elaborada por Jacques Lacan, como algo que não pode ser simbolizado porque a linguagem não diz tudo, daí o equívoco, a falta. O Real não cessa de se inscrever, ele comparece a toda hora; em seu eterno retorno ele vem como contingência, e ao comparecer no simbólico, ele faz um furo, e tem-se, assim, um corte na estrutura do sujeito, trata-se da inscrição da falta na estrutura.

## O dizer sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira

Antes de passarmos à análise dos excertos que apresentamos como um recorte do dizer de professores de espanhol, participantes da pesquisa mencionada no início deste texto, parece-nos importante pontuar que no processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, a relação entre o sujeito e a língua estrangeira pode ser marcada por conflitos. Assim, compartilhamos do pensamento de Revuz (2001) quando afirma que:

o exercício requerido pela aprendizagem de uma língua estrangeira se revela tão delicado porque ao solicitar, a um tempo, nossa relação com o saber, nossa relação com o corpo e nossa relação com nós mesmos enquanto sujeito que se autoriza a falar em primeira pessoa, solicitam-se as bases mesmas de nossa estruturação psíquica, e com elas aquilo que é, a um mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua chamada materna. Toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua. (REVUZ, C, 2001, p. 217)

Nessa citação, é possível observar que a aprendizagem de uma língua estrangeira não ocorre de uma maneira simplista. Trata-se de um processo complexo, pois o sujeito pode vivenciar confrontos ao buscar inscrever-se em uma língua estrangeira.

Nos excertos que se seguem buscamos observar o que pontuam os professores de espanhol ao enunciarem sobre a pergunta “Para você, o que significa aprender uma língua estrangeira?”

Excerto 1 - Aprender uma língua estrangeira pra mim significa *acima de tudo* poder comunicar com um estrangeiro e comunicando *conhecer também* um pouco de como é a cultura como a pessoa vive como pensa e enfim pra mim primeiro é isso, e segundo, *agora*, seria a possibilidade de trabalhar. (grifos nossos)

Nesse excerto, há uma ênfase no aspecto de utilidade da língua. O aspecto da comunicação, que pode ser estabelecido com a aprendizagem de uma língua estrangeira, é enfatizado com o uso da expressão “acima de tudo” que confere um privilégio à utilidade da língua. A expressão “acima de tudo” indica que há outros elementos que se encontram vinculados à aprendizagem de uma língua estrangeira, porém sobre quais sejam esses elementos nada se diz. O silêncio que se faz a este respeito contribui para reforçar que a possibilidade de comunicação via língua estrangeira é realmente o que torna mais significativa a sua aprendizagem.

O uso dos numerais ordinais “primeiro” e “segundo” parece indicar o que se considera mais relevante ao aprender uma língua estrangeira: a comunicação. O procedimento de enumeração sugere uma tentativa do enunciador de esclarecer seu interlocutor para que este não tenha dúvida a respeito de sua opinião sobre o que significa aprender uma língua estrangeira.

Observemos que a questão cultural é mencionada como consequência da utilização da língua; é com a comunicação que surge uma possibilidade de se “conhecer também um pouco de como é a cultura”. Quanto ao uso do termo “também”, parece-nos que este não traduz o reconhecimento do sentido de língua como cultura, é como se o aspecto cultural não tivesse tanta relevância.

Notemos, ainda, nesse excerto, que a aprendizagem da língua estrangeira traz, em um segundo plano, um benefício associado a uma necessidade de trabalho que parece ser algo da ordem de uma urgência e que nos remete ao discurso do pragmatismo, conforme sugere o uso da expressão “agora” no enunciado “e segundo, *agora*, seria a possibilidade de trabalhar”. O termo “agora” demonstra que a possibilidade de se conseguir um trabalho é o que pode, no momento, tornar mais significativa a aprendizagem de uma língua estrangeira.

Por outro lado, temos o uso do verbo “seria” que sugere uma idéia de dúvida, de algo pouco provável, como se através de uma modalização se buscasse desviar o foco do interlocutor para um aspecto que fosse além do que já havia sido mencionado em primeiro plano: a língua como instrumento de comunicação.

No excerto que apresentamos a seguir, podemos observar que o aspecto de utilidade da língua também comparece de forma predominante:

Excerto 2 - Aprender uma LE é de fundamental importância na globalizada situação que hoje enfrentamos de uma sociedade moderna, e para mim aprender uma LE é uma coisa

*muito importante para a comunicação*, para desenvolver os estudos, as áreas de pesquisa, e formação acadêmica, e *não só uma língua estrangeira*, acho que na sociedade atual seria é necessário saber *pelo menos* duas línguas estrangeiras. (grifos nossos)

Nota-se, nesse excerto, o uso da expressão “muito importante para a comunicação” que aponta para uma inscrição no discurso da língua como instrumento útil. Essa utilidade é reforçada pela ânsia de inserção no cenário da globalização, pois “aprender uma LE é de fundamental importância”. Além disso, uma possível garantia de não ser excluído neste cenário ocorre quando se reconhece a necessidade de “saber pelo menos duas línguas estrangeiras”.

A utilização da expressão “pelo menos” parece indicar que a aprendizagem de uma língua estrangeira pode ser insuficiente para encontrar-se inserido no cenário da globalização, a aprendizagem de duas línguas estrangeiras apresenta-se como requisito mínimo necessário para estar incluído no contexto global.

Podemos observar, também, que no excerto acima a aprendizagem de uma língua estrangeira justifica-se pelo fato da língua ser um instrumento útil. Parece haver uma inscrição no discurso do utilitarismo associado ao discurso da globalização. Esses discursos sugerem que, no imaginário, a aprendizagem de uma língua estrangeira pode propiciar melhores condições para posicionar-se em uma “sociedade moderna”, desenvolvendo atividades que são essenciais nessa sociedade como estudos e pesquisa.

Interessante notar, nos dizeres dos excertos 1 e 2, em relação à aprendizagem de uma língua estrangeira, duas seqüências:

a) “Aprender uma língua estrangeira pra mim significa acima de tudo poder comunicar com um estrangeiro”.

b) “para mim aprender uma LE é uma coisa muito importante para a comunicação”.

Essas seqüências sugerem uma concepção de língua como instrumento de comunicação, o que parece fundamentar-se em uma abordagem funcionalista em que a concepção de língua aponta para um sistema fechado que possibilita a expressão do pensamento.

Sabe-se que a noção de língua vista como instrumento de comunicação tem suas raízes na abordagem comunicativa que a partir da década de 80 foi e ainda é bastante difundida no ensino de língua estrangeira. Nessa abordagem se enfatiza a necessidade de desenvolver a capacidade de uso da língua, e para tal faz-se necessário o conhecimento das formas lingüísticas e de suas diferentes funções.

Podemos observar que os dizeres, nos excertos 1 e 2, enfatizam a noção de língua como instrumento de comunicação. O efeito de sentido produzido por esses dizeres remete-nos ao fato de não se problematizar, no processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, a língua como um outro espaço discursivo, no qual o sujeito pode se inscrever, constituindo-se ou não.

A esse respeito, Revuz (2001) considera que a língua não é apenas um objeto de conhecimento intelectual, a língua pressupõe uma prática que não pode ser vista de forma simplista. Trata-se de uma prática que envolve o sujeito, a maneira como ele se relaciona com os outros e com o mundo.

Nessa perspectiva, Revuz (2001) afirma que:

muito antes de ser objeto de conhecimento, a língua é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional. Se não se escamoteia essa dimensão, é claro que não se pode conceber a língua como um simples “instrumento de comunicação”. É justamente porque a língua não é em princípio, e nunca, só um “instrumento” que o encontro com uma outra língua é tão problemático, e que ela suscita reações tão vivas, diversificadas e enigmáticas”. (REVUZ, 2001, p. 217)

A citação acima evidencia que a língua está muito além da dimensão da comunicação. Assim, no contato com uma língua estrangeira, o sujeito pode se constituir por meio de diferentes experiências como, por exemplo, vivenciar um sentimento de paixão pela língua ou até mesmo de resistência a essa língua.

No que se refere ao contato com uma língua estrangeira, Revuz (2001) ainda afirma:

abrindo um novo espaço potencial para a expressão do sujeito, a língua estrangeira vem questionar a relação que está instaurada entre o sujeito e sua língua. Essa relação é complexa e estruturante da relação que o sujeito mantém com ele mesmo, com os outros, com o saber. De forma que não se trata de fazer dessa relação com a língua uma leitura simples e exaustiva. (REVUZ, 2001, p. 220)

As reflexões de Revuz (2001) interessam-nos porque compreendemos que conceber a língua como instrumento de comunicação pode implicar uma simplificação do trabalho do professor de língua estrangeira, especificamente espanhol, em sala de aula. Essa simplificação pode contribuir para que conflitos instaurados no contato com uma língua estrangeira não sejam problematizados. Ao contrário, podem ser simplesmente negligenciados em função de uma relação até mesmo mercadológica com a língua.

É importante lembrar, para concluir essa etapa de análise, nossa compreensão de que não é possível tratar inteiramente as possibilidades de análise dos excertos apresentados nesta seção. Consideramos que a produção de sentidos é indeterminada.

### **Considerações finais**

Nos excertos apresentados pareceu-nos preponderante a noção de língua como instrumento de comunicação. Podemos considerar, como efeito da noção de língua como instrumento de comunicação, a concepção de sujeito que se assume em sala de aula.

Nessa perspectiva, cabe lembrar que a noção de sujeito que assumimos neste trabalho nos remete ao sujeito que se constitui na e pela linguagem. Esse sujeito não tem a possibilidade de controlar seu dizer, o que nos permite afirmar que a linguagem como instrumento que o sujeito pode usar de forma transparente lhe é possível apenas em uma instância imaginária. Dito de outro modo, o aprendiz pode não passar pela experiência de que a comunicação implica também a não-comunicação. Consideramos que não é possível aos sujeitos do processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira ter uma garantia de compreensão de seus dizeres.

Como postulamos, o dizer pode ter efeitos de sentido que são indeterminados e que não podem ser controlados. A ilusão de sermos senhores de nossas palavras é necessária, porém, como já mencionamos, essa possibilidade se situa no plano imaginário. É apenas nesse plano que podemos nos posicionar de forma a exercer controle sobre as palavras e, por conseguinte, sobre a comunicação.

### **Referências bibliográficas**

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. 200 p.

CORACINI, M. J.; BERTOLDO, E. S. (orgs). *O desejo da teoria e a contigência da prática*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. 342p.

MILNER, J. C. *O amor da língua*. Tradução de Ângela C. Jesuíno. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1987. 82p. Título Original: L'amour de la Langue.

MRECH, L. M. *Psicanálise e educação: novos operadores de leitura*. São Paulo: Pioneira, 1999. 144p.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002. 100p.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990. 68p.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In SIGNORINI, I. (org) *Língua(gem) e identidade*. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 213-230.

TEIXEIRA, M. *Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDICPUCRS, 2000. 210p.